

De João Domingos Serra a João e Domingos Mau-Tempo: memória e ficção em *Levantado do chão*

From João Domingos Serra to João and Domingos Mau-Tempo: Memory and Fiction in *Levantado do chão*

Daniel Vecchio*

RESUMO: Na primeira entrevista dada após o lançamento de *Levantado do chão*, José Saramago não deixa de evidenciar com detalhes a surpresa e a importância que foi acessar o livro de memórias do trabalhador agrícola João Domingos Serra, que comporta o nome de dois dos quatro principais representantes masculinos da fictícia família Mau-Tempo, tornando-se o testemunho nuclear para a constituição do que veio a ser o premiado romance de 1980. Por conseguinte, neste estudo, nos deteremos em alguns significativos detalhes dessas memórias que Saramago soube refigurar nas linhas do romance, reaproveitando muitas das experiências e dos discursos dos trabalhadores alentejanos.

PALAVRAS-CHAVE: reescrita; Alentejo; representação; oralidade; narrativa.

ABSTRACT: In his first interview after the release of *Levantado do chão*, José Saramago highlights in detail his surprise and the importance of accessing the memoirs of farm worker João Domingos Serra, which bear the names of two of the four main male representatives of the Mau-Tempo family, becoming the core testimony for the creation of what became the award-winning novel of 1980. Therefore, in this study, we will focus on some significant details of these memoirs that Saramago was able to rework into the lines of the novel, reusing many of the experiences and discourses of the Alentejo workers.

KEYWORDS: rewriting; Alentejo; representation; orality; narrative.

1 Alentejo: uma experiência auditiva e reflexiva¹

Dar a conhecer os testemunhos das vítimas do fascismo é fundamental para a construção da nossa identidade e da nossa memória coletiva, sendo tal conhecimento o motivo primeiro que encontramos na origem da publicação do romance *Levantado do chão* (1980). Trata-se de legar para as gerações vindouras as memórias das vítimas do regime fascista português e a sua versão dos fatos, construindo uma história de resistência e oposição, de modo a explorar as

* Doutor em História Cultural pela UNICAMP. Pesquisador de Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo, com pesquisa financiada pela FAPESP. E-mail: danielvecchioalves@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1696-8369>.

¹ Estudo inédito apresentado como comunicação na VII Conferência Internacional José Saramago da Universidade de Vigo, Espanha, realizada entre os dias 26 e 29 de outubro de 2022.

recordações do povo alentejano para proporcionar uma base histórica a esse premiado romance saramaguiano.

Para Beatriz Berrini (1998), apesar de ser uma obra ficcional, *Levantado do chão*, de José Saramago, também pode ser lida como uma obra de história do povo do Alentejo, pois ela traz em si o cotidiano agrícola das gerações passadas, envolvendo conflitos entre ricos e pobres, dominadores e dominados, estes a quem a história ignorou, retirando sua palavra e ocultando suas lutas. Nesse sentido, *Levantado do chão* preenche uma lacuna significativa na história do povo do Alentejo, tendo em vista ser muito parca sua base documental, ao contrário da abundância relativa da documentação que incide sobre a conjuntura econômica e financeira dos latifúndios e da narrativa factual dos grandes acontecimentos militares na região alentejana.

Por isso, cobrindo desde os antecedentes da implantação da República em 1910 até a Revolução dos Cravos, o romance de Saramago contempla a tradição oral transmitida através de gerações, reunindo informações sobre o passado de lutas da população rural desfavorecida, pontuando ocupações de terras, “arruadas” e “levantes” de protesto contra a exploração latifundiária: “É compreensível que assim aconteça relativamente a um território submetido durante séculos a constantes turbulências e grande instabilidade” (Lourenço, 1997, p. 31-32).

Com a composição de *Levantado do chão*, Saramago nos revela todo um memorial de luta dos camponeses alentejanos contra a ditadura. Memórias de trabalhadores e militantes como António Gervásio e Álvaro Cunhal, ou jornalistas como Antunes da Silva e António Modesto Navarro, entre outros, foram extremamente importantes para que, no período do pós-25 de Abril de 1974, fosse iniciada a reconstrução da história social novecentista do Alentejo, com a particularidade excepcional desses registros resultarem diretamente das próprias experiências vividas pelos camponeses, operários e oposicionistas ao regime de Salazar.

Não se trata aqui de tomar a obra literária saramaguiana como mera reportagem de fatos, mera reunião de documentos ou ainda um registro direto de uma dada realidade, mas sim um espaço de leitura e representação estética de suas contradições. Desse modo, seria um erro ler *Levantado do chão* como um

registro direto da vida de trabalhadores agrícolas do Alentejo. Na verdade, tal obra se organiza a partir do registro de muitas memórias individuais, mas “universaliza a situação narrada” (Bastos, 2011, p. 10).

No entanto, para darmos conta desse exercício de universalização, é preciso compreender aprofundadamente como *Levantado do chão* foi resultado de um grande esforço de investigação e registro de memórias e relatos individuais, conteúdo que ainda não foi ponderado devidamente pela crítica. Nesse sentido, a originalidade deste trabalho consiste em ampliar a identificação e análise dessas fontes acessadas e registradas por Saramago no Alentejo e que vão além das já identificadas nos estudos de David Frier (2020) e Manuel Gusmão (2010), que foram, até aqui, uns dos poucos estudiosos a se debruçarem sobre os prototextos desse premiado romance de 1980.

Logo, tal tipo de análise mais genética de *Levantado do chão* ainda tem muito a contribuir para a compreensão dos seus sentidos artísticos, principalmente no intuito de esclarecer melhor como os dados da realidade vivida pelos trabalhadores agrícolas do Alentejo foram registrados pelo escritor para depois serem narrados literariamente. Em contribuição a esse conhecimento, a presente investigação tem por objetivo apresentar parte dos documentos que constituem esse conjunto de materiais consultados para a preparação de *Levantado do chão*, com especial atenção dedicada ao livro de memórias do trabalhador agrícola João Domingos Serra.

Aliás, no diagnóstico de Carlos Reis, várias questões atinentes ao estatuto do personagem saramaguiano ainda se encontram em suspenso, visto que muito pouco ainda foi feito para relevar “[...] o potencial semântico e heurístico das personagens no concerto do universo ficcional de José Saramago” (Reis, 2021, p. 42). Tendo em vista essa lacuna, sugerimos, neste estudo, melhor cercar tais potenciais, reconhecendo seus intertextos testemunhais e documentais para somente então aproximá-los efetivamente dos personagens de *Levantado do chão*. No final da análise será possível observar com maior clareza as referências fragmentadas em meio à narrativa oralizante do romance, entendido enquanto traço estilístico-ideológico:

[...] estilo como ideologia, no sentido de as vozes parecerem chegar ao narrador, e dele até nós, não só vindas de dentro de si, da sua elaboração

mental de uma experiência auditiva e reflexiva, mas como se nós as ouvíssemos, com a sua primeira entoação, vindas de fora, de baixo, de cima, do presente e do passado, quase como se o autor para nós se tornasse porta-voz de uma comunidade, de uma classe, de um modo de estar no mundo. (Picchio, 2013, p. 21-22.)

Luciana Picchio esclarece que no período de preparação do livro, Saramago viveu uma “experiência auditiva e reflexiva” com toda uma “comunidade” ou “classe” trabalhadora da qual o escritor passou a ser uma espécie de “porta-voz”. Para dar corpo a essa experiência auditiva, é curioso observar como Saramago produziu e consultou registros variados na segunda metade da década de 1970, conversando, entrevistando e anotando ações e características distintas entre os operários agrícolas do Alentejo:

Estive em Lavre, da primeira vez, dois meses, depois, por intervalos, umas tantas semanas mais, e quando de lá voltei trazia cerca de duas centenas de páginas com notas, casos, histórias, também alguma História, imagens e imaginações, episódios trágicos e burlescos, ou apenas do quotidiano banal, acontecidos diversos, enfim, a safra que é sempre possível recolher quando nos pomos a perguntar e nos dispomos a ouvir, sobretudo se não há pressa. (Saramago, 1980, p. 30.)

Voltando-nos às fontes orais e escritas consultadas por Saramago durante a fase de elaboração do romance, encontramos memórias, relatos, entrevistas e reportagens, um conjunto de testemunhos diversos da vida dos trabalhadores agrícolas representados. Portanto, tomando o devido conhecimento de todo esse espólio de fontes consultadas, será possível observar mais atentamente até que ponto o narrador e as personagens de *Levantado do chão* permanecem idênticos e/ou transformados relativamente aos documentos consultados pelo escritor em arquivos e bibliotecas do Alentejo, local onde a oposição e a repressão durante a ditadura salazarista foram bastante intensas.

Mas, antes de tudo, é preciso deixar claro que sabemos que *Levantado do chão*, por ser um romance, não tem a obrigação de executar uma abordagem rigorosa das memórias familiares e muito menos da história do movimento do operariado agrícola alentejano, embora não por isso deixe de ser considerável a presença documental e testemunhal dessa história ao longo de toda a narrativa. Experiente no universo jornalístico, Saramago sabia que, para a preparação de *Levantado do chão*, não bastava obter uma abundância de dados sobre a

conjuntura econômica e financeira do campo ou sobre os factuais e repetíveis acontecimentos históricos do latifúndio e que mesmo os dados coletados recentemente por outros jornalistas deviam ser rigorosamente complementados.

Por isso, antes de traçar qualquer rascunho, Saramago não hesitou em se aproximar da tradição oral transmitida através de gerações e mais gerações de trabalhadores alentejanos para registrá-la e representá-la ficcionalmente. Logo, os personagens do romance não deixam de reverberar os dados memoriais registrados pelo escritor durante o período que passou entre os muitos trabalhadores do campo, informando-se sobre as “ocupações de terras pelos assalariados rurais do Alentejo, sobre as ‘arruadas’ e ‘levantes’ de protesto da população rural contra a exploração da casta senhorial e sobre as medidas draconeanas do poder real da época” (Lourenço, 1997, p. 31-32).

Portanto, “não se pode desprezar o fato de que José Saramago, a partir de sua experiência local, tenha trazido, para o romance, a realidade do homem do campo português” de várias gerações (Tesche, 2007, p. 18). É o que demonstraremos mais detidamente a partir do próximo tópico, tendo como base o livro de memórias do trabalhador alentejano João Domingos Serra, do Lavre.

2 A descoberta do livro de memórias de João Domingos Serra

Nessa parte do estudo, nos concentraremos no conteúdo temático do livro de memórias do trabalhador rural João Domingos Serra, intitulado *Uma família do Alentejo: Mistérios da natureza e da política*, publicado pela própria Fundação José Saramago em 2010, nos atendo à forma como sua matéria memorialística foi reaproveitada na configuração dos personagens e nos acontecimentos envolvidos na história da fictícia família Mau-Tempo, de *Levantado do chão*, sobrenome colhido em uma das lápides do cemitério de Montemor-o-Novo e “perfeitamente adequado às difíceis condições de sobrevivência de quem desde sempre trabalhou no latifúndio” (Fonseca, 2022, p. 30).

O romancista só soube da existência de João Serra ou teve conhecimento de seus manuscritos mais precisamente em 1977, quando ficou alojado em um quarto da Cooperativa de Consumo Vento do Leste, situada no centro da vila de

Lavre. Nessa ocasião, se informou Saramago de um trabalhador que havia escrito um livro de memórias sobre sua trajetória de vida, o que logo despertou seu interesse:

É João Domingos Serra, o autor deste pequeno livro agora editado, esse mesmo que tive nas minhas afortunadas mãos, escrito de seu próprio punho e letra. Quem dele me falou pela primeira vez foi Maria João Mogarro: “E está o João Serra, de quem se diz que escreveu a sua vida, nunca vi, mas deve ser certo”. Imagina-se o meu alvoroço, um camponês escritor, um António Aleixo da prosa... “Uns apontamentos, não?”, perguntei eu a fingir um cepticismo que não sentia. “Que não”, respondeu ela, “pelo menos é o que me têm dito”. No dia seguinte fomos bater à porta do João Serra, que não estava, estavam, sim, as filhas [...]. (Saramago, 2010, p. 12.)

Posteriormente, o escritor conseguiu contactar João Serra, e a Saramago foi dado a conhecer o manuscrito do que depois viria a ser o livro de memórias publicado por sua Fundação. Nesses manuscritos, Serra fornece ao leitor eventos e casos recordados a partir de 1904, quando seus pais se casaram, até 1977, cinco anos antes de seu falecimento:

Foi a 8 de Agosto de 1972 que me pus a escrever alguns acontecimentos da minha vida e dos meus familiares, com sofrimentos que nos atormentaram em muitos períodos da nossa vida. Adiante vou discriminando sem desvios contactos que eu tive com obstáculos que há na vida dos seres humanos e que eu compartilhei: foram lamentáveis, com miséria e desgostos à mercê da Natureza. (Serra, 2010, p. 27.)

No “Prefácio” à primeira edição do livro de memória de João Serra, o próprio José Saramago reconhece a dívida que tem para com este trabalhador e com a sua maneira espontânea e clara de escrever, contribuindo para “definir o estilo novo que assim se tornou como marca distintiva da escrita ficcional saramaguiana [...]” (Frier, 2020, p. 86).² Diante dos manuscritos biográficos de

² “[...] Saramago encontra neste relato autobiográfico, e este parece-me ser o encontro decisivo, a figura de um narrador intensamente participante naquilo que narra, de um narrador que conta e comenta aquilo que conta, e se interroga sobre ‘os misteriosos caminhos da Natureza e da Política’. A figura de um narrador popular que se abalança a uma operação de escrita, a partir de uma experiência que é a de uma voz oral, encostada à formulação dos acontecimentos de que é expressão” (Gusmão, 2010, p. 275-276). No entanto, o mesmo autor acrescenta que “Uma das características distintas da narração em Saramago é o seu tipo particular de frase, onde, entre dois pontos finais, encontramos a possibilidade de ouvir várias personagens em diálogo, incluindo o narrador” (Gusmão, 2010, p. 277). Isso não evita que os dois autores se aproximem no registro de certa “audibilidade do oral marcando o escrito, é algo de que, podemos supor, José Saramago se apercebeu na leitura do texto de João Domingos Serra. Disto podemos fazer a contraprova, lendo

João Domingos Serra, camponês que comporta o nome de dois dos quatro principais representantes masculinos da família Mau-Tempo (Domingos e João), Saramago contempla as memórias, os costumes, os imaginários, as lutas e as necessidades do campesinato alentejano.

Desse modo, o romancista se propõe a fazer uma investigação sobre a história agrícola do sul de Portugal a partir da análise dos registros que produziu e consultou durante os momentos em que esteve com diversos trabalhadores, memórias como essas de João Serra que tornaram possível a Saramago recontar a história do campesinato alentejano em romance. Nesse sentido, Saramago pretendia “[...] descobrir aqueles que dariam conteúdo e substância ao futuro livro, na maior parte camponeses de vida revolucionária obscura, mas com um cabedal único de experiências” (Saramago, 2010, p. 11).

A narrativa não-ficcional de João Serra é um desses exemplos e se passa na sua terra natal, a vila de Lavre, situada no concelho de Montemor-o-Novo.³ Trata-se, tal narrativa, da fonte documental mais robusta consultada por José Saramago durante a fase de preparação de *Levantado do chão*, além de ser uma das poucas fontes consultadas conhecidas entre os investigadores. Cabe ressaltar que para esse conhecimento, o trabalho da crítica foi facilitado pela menção às memórias de João Serra diversas vezes pelo próprio romancista, principalmente pelo fato desse trabalhador agrícola ser a referência histórica de “João Mau-Tempo”, protagonista do romance.

As memórias de Serra são mencionadas por Saramago desde as primeiras entrevistas realizadas após a publicação de *Levantado do chão*, no começo de 1980. No jornal *Diário de Notícias* do dia 8 de março de 1980, por exemplo, o escritor concede uma entrevista ao jornalista Ernesto Sampaio, na qual os manuscritos de Serra são mencionados diversas vezes:

Você pode imaginar o que é estar a conversar com um velho rural de 70 anos, digo eu, dizes tu, e de repente ele abre ali uma gaveta, tira uns poucos cadernos de papel almaço, escritos em letra garrafal e firme,

em voz alta ou imaginando ouvir ditas por alentejanos essas frases, cujo sentido por vezes só nessa sua audibilidade se inscreve” (Gusmão, 2010, p. 277-278).

3 “João Domingos Serra (1905-1982), natural da antiga freguesia de Lavre, atualmente integrada na União de freguesias de Lavre e Cortiçadas de Lavre, foi preso em 1949, ‘para averiguações’, de acordo com a sua ficha prisional. Esteve detido na cadeia do Aljube e em Caxias, entre 6 de julho de 1949 e 23 de novembro do mesmo ano (6 meses)” (Sofio, 2022, p. 56).

creio que até os erros de ortografia eram firmes: “Está aqui a história da minha vida”. Foi isto que me aconteceu. Levei para o meu buraco a história de João Domingos Serra contada pelo próprio, li-a nessa mesma noite, a tremer de comoção e frio (era Março), e quando acabei tinha, finalmente, a trave mestra do que viria a ser o “Levantado do Chão”. Aquela vida verdadeira era assim como uma fiada de pedras postas a atravessar a corrente torrencial de dados em que já me ia submergindo. Por cima de tal ponte podia agora circular à minha vontade. Mas a vida, se repararmos bem, só é o que vidas forem. (Saramago, 1980, p. 30.)

Nessa passagem, Saramago deixa clara a importância suprema do livro de memórias de João Serra para a configuração dos principais personagens e episódios de *Levantado do chão*, surgindo na fase de preparação do romance como “uma fiada de pedras postas a atravessar a corrente torrencial de dados em que já me ia submergindo”. Nesse dia, Saramago diz ter decidido registrar todo o texto de João Domingos Serra, porque nenhuma daquelas palavras poderia se perder. E diz ainda que, desde o momento que encontrou tais manuscritos, teve a sensação de que “tinha, enfim, livro”. Porém, logo a seguir parece entrar em contradição, dizendo que ainda teve de “esperar três anos para que a história fosse amadurecendo na sua cabeça” (Saramago, 1980, p. 30). Isso aponta, desde já, que a narrativa de *Levantado do chão* não foi constituída como uma simples cópia das memórias escritas de João Serra.

Nesse início do século XXI, investigadores como David Frier e Manuel Gusmão se debruçaram mais detidamente sobre parte dos materiais preparatórios de *Levantado do chão*, principalmente sobre o livro *Uma Família do Alentejo*, de João Serra, iniciando, então, as tentativas de definir mais exatamente qual é “a dívida do romancista para com João Serra, assim como oferecer uma explicação das transformações introduzidas por Saramago na composição do romance” (Frier, 2020, p. 86). Para tanto, tais investigadores se dedicam a compreender “o papel que o relato de João Domingos Serra poderá ter desempenhado na génese do romance e, designadamente, a compreender algumas das frases que Saramago lhe dedica” (Gusmão, 2010, p. 266).

Tanto Frier quanto Gusmão reconhecem a existência de muitos pontos em comum entre *Levantado do chão* e *Uma Família do Alentejo*, principalmente no que tange ao anúncio da construção de uma história coletiva de luta e trabalho:

Todos estes acontecimentos não eram só assinalados propriamente para a minha história, que diz respeito a mim e aos meus familiares, mas eram sim acontecimentos de grandes pormenores e calamidades, a que eu também assisti e me ficaram marcados na memória [...]. (Serra, 2010, p. 80.)

Em ambos os textos, “o tempo vai passando, escandido ‘pelos trabalhos e os dias’, marcados pelas datas de nascimento de seus dez filhos” (Gusmão, 2010, p. 274). O próprio modo como os acontecimentos históricos se integram às narrativas revela-nos o comum funcionamento de um “dispositivo cronológico do seu relato” (Gusmão, 2010, p. 268), dividido em gerações.⁴

Apesar dessa comum linha coletiva e cronológica de representação entre o livro de João Serra e o romance de Saramago, também há contrastes consideráveis entre eles. A princípio, a narrativa de João Serra constitui um livro de memórias e apresenta-se como sendo baseado na realidade, em contraste com a natureza abertamente ficcional do romance saramaguiano. Contudo, fato é que o livro de Serra não deixa de ser uma versão subjetiva, fragmentada e parcial de uma dada realidade contada, assim como *Levantado do chão* se apresenta ao tecer uma narrativa fictícia sobre a história das famílias alentejanas, porque, como nos diz Serra, “[e]stes acontecimentos têm um significado desfavorecido, como acontece a muitos seres humanos são sacrifícios, desgostos mentais, miséria, enfermidades e torturas. Acontecimentos animadores não é dor que nos fique escrita na alma” (Serra, 2010, p. 27).

Serra se informava o suficiente para entrelaçar grandes acontecimentos com as pequenas ações do cotidiano, transitando por perspectivas que extrapolam sua dimensão individual. Isso não quer dizer que *Uma Família do Alentejo* tem seu enunciador isolado da narrativa, pois Serra se recusa a ser um simples espectador do espetáculo do mundo, antes se assume como participante empenhado das circunstâncias. Esse aspecto transitivo entre o individual e o coletivo também se acentua no romance *Levantado do chão*, cujo traçado

4 “A 8 de Agosto de 1972, João Domingos Serra, trabalhador rural, com 67 anos de idade e já doente, põe-se a escrever a história da sua vida, que começa com o casamento dos seus pais e se prolonga na dos seus filhos. Desde o início do seu relato que o conto da sua vida se entrelaça com o da vida de outros, da sua família e da sua condição. E podemos mesmo considerar que é o cruzamento entre a sua vida pessoal e a conjuntura social, tal como a vive e a descreve no início da década de 70 (1972) que configuram a situação que lhe permite dedicar-se ao conto” (Gusmão, 2010, p. 266).

dialético se ampara no diálogo ou no jogo oralizante que o texto literário estabelece com suas fontes e seus referentes, o que nos exige conhecê-los a fundo, especialmente o livro de memórias de João Serra, a principal base empírica do romance saramaguiano.

Fundamentando-se nos relatos orais dos trabalhadores, em muitas entrevistas, Saramago afirma que, pela primeira vez, lá pelas vinte e poucas páginas do manuscrito de *Levantado do chão*, começou a escrever de um modo diferente, quebrando algumas das normas da escrita tradicional do romance ao aproximar a escrita dos mecanismos da fala corrente, formando, assim, o seu estilo peculiar. Com esse traçado oral de sua narrativa, inspirado nos relatos de João Serra e outros trabalhadores agrícolas, Saramago começa a empregar, no início de *Levantado do chão*, uma continuidade de vírgulas para dar mais ritmo ao seu discurso, sendo esse um aspecto marcante em toda sua produção literária.

O escritor relembrou a história desse surgimento estilístico diversas vezes, como na famosa entrevista cedida a Juan Arias:

Chegou 1979 e continuava sem saber como começar, mas o tempo estava a passar e como queria escrever o livro, sentei-me a trabalhar. Fi-lo sem sequer saber o que queria dizer, ainda que algo me sussurrasse que aquele não era o caminho, mas nem sequer sabia o que é que podia pôr no seu lugar até que dissesse: é isto. Então comecei a escrever como toda gente faz, com guião, com diálogos, com a pontuação convencional, seguindo a norma dos escritores. Quando ia na página vinte e quatro ou vinte e cinco, e talvez esta seja uma das coisas mais bonitas que me aconteceram desde que estou a escrever assim: interligando, interunindo o discurso directo e o discurso indirecto, saltando por cima de todas as regras sintácticas ou sobre muitas delas. (Saramago *apud* Arias, 2000, p. 73-74.)

– *Em suma, quiseste escrever como eles te falavam.* – Sim, a passagem de uma forma narrativa para outra foi como se estivesse a devolver àqueles camponeses o que eles me deram a mim, como se eu me tivesse convertido num deles, em parte desse mundo de mulheres, homens, anciãos, anciãs, com quem tinha estado, ouvindo-os, vendo as suas experiências, as suas vidas. Converti-me num deles para lhes contar o que eles me tinham contado a mim. O que é claríssimo é que quando falamos (porque agora trata-se de falar e não de escrever) não usamos pontuação, falamos como se faz música, com sons e pausas. (Saramago *apud* Arias, 2000, p. 74-75.)

Tal pontual marco estilístico da oralidade na obra saramaguiana é admitido pelo próprio escritor, que nos explica sua inspiração na cultura alentejana para a elaboração de tal marca narrativa. Nesse sentido, para

Saramago, “[m]ais do que um recurso narrativo, a oralidade é a única forma coerente de reler a história portuguesa a partir da ‘visão de baixo’ e de promover o desrecalque da memória coletiva dos camponeses alentejanos” (Ferreira, 2016, p. 94). O discurso impregnado por tais marcas da oralidade tende a criar uma permeabilidade entre a história e a ficção, porque, segundo o narrador, “são casos verdadeiros estes, por isso custam tanto a crer a quem se pauta por ficções” (Saramago, 2012, p. 47).

A mestria do escritor está justamente nessa escolha que resulta do ritmo da palavra falada, bem como nos diálogos cruzados entre personagens e narradores em uma única frase. Trata-se da auralidade da linguagem escrita saramaguiana, toda ela reconstruída a partir da oralidade, a partir do gosto pelos aforismos, da utilização de provérbios, do jogo de um frasear com efeitos rítmicos e prosódicos que Manuel Gusmão assimila a “uma espécie de ouvido mental [...] que coopera com a construção de uma imagem ou de um efeito de narrador oral, participante activo naquilo que conta” (Gusmão, 1998, p. 23).

Como bem notado por Ferreira (2016), se nos ativermos à distinção que Walter Benjamin estabelece entre o romance e a narrativa, não saberemos ao certo se *Levantado do chão* é realmente um romance ou uma narrativa, pois para o filósofo,

O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa – contos de fada, lendas e mesmo novelas – é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. (Benjamin, 1994, p. 201.)

Tais alíneas benjaminianas apontam que *Levantado do chão* torna as fronteiras mais tênues entre romance e narrativa. Conforme Saramago nos dá a entender, sua inspiração narrativa vem exatamente dos momentos de experiência coletiva em que recolhia informações e vivências de vários trabalhadores analfabetos (com exceção de Serra) em diversos lugares do Alentejo, principalmente em Lavre, onde permanecera por dois meses. Porém, diferentemente dos relatos, como o de Serra, em que a testemunha narra suas

próprias desventuras e as desventuras da sua família e comunidade, Saramago, como um típico romancista nos preceitos benjaminianos, segrega-se,

[...] retirando do personagem João Mau-Tempo a função de narrador que João Domingos Serra exerce em sua narrativa. Mas esta transformação é fundamental para construir uma figura de narrador-autor que acolhe e largamente amplia as várias funções por aquele desempenhadas. (Gusmão, 2010, p. 276.)

Foi a partir dos relatos de trabalhadores que Saramago criou personagens e recriou cenários, temas e assuntos por todo o romance, mas também foi com eles que Saramago ocupou um espaço narrativo que lhe é próprio enquanto autor: “Depois de ouvir falar as gentes do Lavre, que semelhantes eram às de Azinhaga, e depois de ler os escritos de João Serra, Saramago pôde afirmar, com convicção, que não só ‘tinha enfim livro’” (Farinha, 2022, p. 11-12), mas também havia consolidado um estilo literário oral e autoral que será retomado e remodelado em muitas obras posteriores.⁵

Tendo em vista essa elaboração estética empreendida por Saramago, perpassamos a análise do primeiro ponto fulcral de tensão (aproximação e distanciamento) entre as duas obras aqui em comparação: o estilo do livro de memórias de João Serra e o estilo do romance de Saramago. Como já assinalou Manuel Gusmão, o autor-narrador de *Levantado do chão* se diferencia do relato de memória porque exerce plenamente a sua função narrativa, contando as histórias que tem para contar: “[...] exerce a sua função de comunicação; que joga com a sua função testemunhal e que insistentemente comenta, interroga e explica o que acontece ou não acontece, exercendo uma importante função ideológica” (Gusmão, 2010, p. 276).

Todavia, isso não nos impossibilita de traçar uma aproximação entre as memórias de Serra e o romance saramaguiano, a começar pela estratégia de ambos em contar uma história familiar de longas gerações. Os dois textos se cruzam, principalmente, pelo

⁵ Porém, é preciso ponderar esse surgimento estilístico, visto que, se em *Levantado do chão* um novo Saramago estreou, “erro seria fazer disso o começo de tudo, ou sequer o começo do melhor. Mais de um estudioso vem chamando a atenção para surpreendentes continuidades na sua obra, e não falta quem suponha conterem remotos textos, como alguns de 1968, sérios anúncios do percurso recente” (Venâncio, 2000, p. 55).

[...] retrato duro da vida camponesa durante a maior parte do século XX no Portugal rural; pelos episódios de sofrimento por parte do protagonista principal sob as forças repressivas da ditadura; pelo emprego de metáforas e figuras de animais para se referir à polícia; e, sobretudo, muitas das personagens dos dois textos, entre elas o pai alcoólico e abusador (representado por Domingos Mau-Tempo no texto ficcional) e o Padre Agamedes saramaguiano sempre solidário com o poder do Latifúndio, que encontra o seu modelo no padre do texto de Serra que tenta convencer o jovem João (e alguns dos seus amigos) a desistir das suas atividades políticas subversivas pelo bem de uma ordem social e familiar sem perturbações. (Frier, 2020, p. 93-94.)

Tendo em vista que João Serra é a grande inspiração de Saramago na construção do personagem João Mau-Tempo, é preciso nos ater a cada um desses pontos de aproximação já assinalados pela crítica e implicados na elaboração desse personagem, acrescentando outros pontos e outras fontes para enriquecer a análise. Para Manuel Gusmão, do ponto de vista dos casos, dos episódios, das peripécias e dos personagens, é possível afirmar, antes de tudo, que *Levantado do chão* trabalha esteticamente a matéria narrativa de *Uma família do Alentejo*, de João Serra, através de duas estratégias principais:

[...] uma de concentração da atenção conferida à personagem de João Mau-Tempo (construída a partir de Serra) e uma outra, de expansão das personagens para além do núcleo familiar dos Serra. No fundo, os dois movimentos convergem numa descentração na família, e na ampliação da população do mundo romanescos. (Gusmão, 2010, p. 273.)

No entanto, essa ampliação do mundo romanescos não se faz apenas a partir do livro de memórias de João Serra, visto que seu livro não é suficiente para explicar outras partes do livro, que também possui suas próprias fontes e bases empíricas, o que envolveu a consulta de Saramago a memórias de outros trabalhadores agrícolas como já mencionamos, detalhes que abordamos mais pormenorizadamente em outro estudo (cf. Vecchio, 2025). Por ora, fiquemos com os intertextos do livro de Serra que já é uma extensa e difícil tarefa pelo tamanho do seu relato.

Para termos uma melhor dimensão do quanto o livro de Serra é nuclear no exercício de reescrita memorial que promove *Levantado do chão*, é preciso desenhar e comparar, antes de tudo, a árvore genealógica registrada por Serra e a árvore genealógica redesenhada por Saramago no romance para a representação da fictícia família Mau-Tempo.

Figura 1 - Árvore genealógica da família Serra



Figura 2 - Árvore genealógica da família Mau-Tempo



Percebe-se, pelos destaques em cor laranja, a repetição e o jogo de trocas de nomes entre os dois livros em análise. Na verdade, Saramago não deve ter pensado duas vezes em estabelecer esse jogo ao perceber que ele ocorria mesmo entre os integrantes da própria família de Serra. Nesse comparativo genealógico,

conseguimos visualizar melhor, portanto, a influência da família Serra na configuração dos personagens romanescos masculinos, com os nomes Arranca, António, Domingos e João se repetindo ao longo de praticamente todas as gerações.

No romance, por sua vez, José Arranca, o avô de João Serra, continua como raiz familiar, agora não mais dos Serra, mas dos Mau-Tempo, sendo o pai de Sara da Conceição e de Joaquim Carranca. Já o nome do pai de Serra, António Domingos Serra, é trocado pelo primeiro nome de um de seus netos e seu segundo nome, Domingos, ficando então o personagem denominado Domingos Mau-Tempo. O nome João, de João Serra, foi mantido na segunda geração que tem em João Mau-Tempo seu representante, o que aponta para esse personagem como referência nuclear na elaboração da família fictícia de *Levantado do chão*.

No que se refere às personagens femininas, temos uma clara associação entre as integrantes da família Serra e as personagens da primeira geração do romance, em que se inverte a posição entre a mãe de João Serra, Maria da Conceição, e sua madrinha, Sara da Conceição. Apesar de o nome Maria Adelaide ser mencionado no livro de Serra – pois trata-se de uma irmã sua provinda do segundo casamento de sua mãe –, suas memórias parecem não fornecer exemplos concretos de mulheres que aos poucos se inserem no processo de luta e consciencialização dos trabalhadores do campo, o que corresponde ao fato do livro de Serra não colocar as mulheres no papel de luta e resistência contra a opressão salazarista.

Por outro lado, o livro de Serra foi um prato cheio para Saramago representar as gerações de mulheres que viviam silenciadas por uma dupla opressão: a do regime e a da família patriarcal, onde tinha seus espaços de atuação reduzidos às tarefas domésticas, caracterização que surge claramente na representação feminina da primeira geração familiar do romance, a exemplo de Sara da Conceição. Todavia, o livro de Serra ao menos inspirou Saramago na representação de homens que aos poucos conseguiram ultrapassar o quadro de opressão e censura em que viviam, tornando-se cada vez mais ativos e conscientes na luta contra o regime ditatorial português. Para melhor elucidarmos esses reaproveitamentos de casos e características no romance, é preciso, como já

mencionado, realizar uma comparação mais sistematizada entre os dois textos aproximados.

Levando em conta ambas as árvores genealógicas, perguntemos: o que aproveita exatamente o autor do romance do manuscrito de João Serra? As histórias de vida? A vida da comunidade camponesa dos montemorenses no período entre e pós-guerras mundiais? Para Manuel Gusmão, o que permanece em Saramago, do manuscrito de João Serra, é, sobretudo, a “entoação”, o “tónus emocional”, o “ethos comportamental e ideológico” (Gusmão, 2010). Mas, além da presença de aspectos mais estruturantes de Serra no romance, como o seu *ethos*, a sua ideologia ou sua forma narrativa, são vários os episódios do livro de João Serra que também são direta ou indiretamente reaproveitados no romance, reaproveitamento que aponta, sobretudo, para a criatividade de Saramago no exercício de adaptação das memórias desse trabalhador agrícola para um texto literário que comporta muitas outras memórias, além de metáforas e outras figuras de linguagem.

Apoiamos nossa afirmação no *Caderno de notas e apontamentos para a composição de Levantado do chão*, localizado no espólio de José Saramago da Biblioteca Nacional de Portugal (35 f. 1977-1984. BNP [N45/276]), material em que o escritor nos mostra que se preocupou não só com a construção dos personagens, mas também com os principais episódios do romance. Em três páginas de seu *Caderno de notas*, Saramago topicaliza os episódios centrais do romance, e pela listagem é possível percebermos a forte presença das memórias de João Serra, que ocupa quase a metade desses tópicos. São exatamente 31 episódios gerais e sete episódios principais elencados pelo escritor durante a composição do romance.

Entre os 38 episódios listados, 14 se referem diretamente aos episódios registrados em *Uma Família do Alentejo*, de João Domingos Serra, sendo que nos dez primeiros, oito são provenientes das memórias de Serra, o que demonstra que estas foram primordiais para a estruturação dos episódios iniciais do romance. É o que pode ser observado no caso dos seguintes episódios: “1. Primeira fase de Domingos Mau-Tempo; 2. Vida do casal Mau-Tempo; 3. Andanças. 4. O caso do padre; 5. Peregrinações. [...]; 8. Casos de Augusto Pintéu; [...]; 10. O comício de Évora” (Saramago, 1977, s./p.).

Foi com base nesse e em outros episódios destacados por Saramago em seu *Caderno de notas e apontamentos* que percebemos melhor o quanto o romance é desatrelado das memórias de Serra, ao mesmo tempo que também revela serem elas fundamentais para a constituição da obra ficcional. A partir do próximo tópico, evidenciaremos alguns dos episódios romanescos que julgamos serem os mais próximos das memórias de João Serra para conduzir um estudo comparativo mais embasado, conforme proposto.

3 A figura paterna: as desventuras de António Domingos Serra e Domingos Mau-Tempo

Saramago aproveitou fragmentos da história da vida de João Serra com seus progenitores, mantendo principalmente a caracterização instável de seu pai, que, quando sóbrio, exercia o ofício de sapateiro. Conhecido nas vilas por sua fama de bêbado e “landim”, António Domingos Serra sempre mudava de região, chegando a abandonar a sua família por várias vezes.

António Domingos Serra é, portanto, a referência histórica do personagem Domingos Mau-Tempo, que, em *Levantado do chão*, também é caracterizado com o seu modo de vida violento, irresponsável e atordoado, que o leva à resignação, ao estado constante de alcoolismo, e, por fim, ao suicídio: “Bem clamou Laureano Carranca [o sogro] em suas cóleras, É um landim relaxado, com fama de bêbado e que mal acabará” (Saramago, 2012, p. 23). Trata-se de características que contrastam com o modo de vida responsável e mais consciente de João Serra, o referente histórico do personagem João Mau-Tempo:

Meu pai começou por desnortear e esquecer as obrigações que por dever tinha para com a sua esposa e filhos, um homem que se virou no álcool e com desespero dando maus dias e más noites à minha pobre mãe, que se lançava a braços cheios no trabalho doméstico e particular. Começou por este caminho a destruição e a desventura de um lar. Meu pai correndo de terra em terra com a sua mobília pobre e com a mulher e filhos, como quem corre à procura da sorte. Infelizmente não foi assim. Era um caminho errante a que o destino o guiava, era o vício que o dominava para se vir a tornar um ébrio perdido; era assim que se deliciava enquanto os seus sofriam as agruras dos seus sobejos, do que lhe restava da taberna onde tinha esquecido o amor dos seus queridos, que em casa esperavam por um bocadinho de pão. Assim continuávamos enquanto a sua ausência durava. Quando regressava a

casa embriagado, já sabíamos que tínhamos que sofrer os maus tratos que dava à minha pobre mãe. (Serra, 2010, p. 33-34.)

Pela figura paterna, João Mau-Tempo também vive as consequências das injustiças cometidas sobre os mais pobres, tendo que suportar os agouros familiares, em um momento de sua infância em que “[...] as perecenças eram todas, porque os salários, pelo pouco que podiam comprar, só serviam para acordar a fome [...]” (Saramago, 2012, p. 34). Por conseguinte, João Mau-tempo testemunhara, ainda quando criança, um largo histórico de violência doméstica que seu pai cometia contra todos os integrantes da casa, principalmente com sua mãe. Trata-se de um aspecto apresentado no plano universalizante da obra, com a representação do típico exemplo da resignação familiar perante o patriarcalismo e as baixas condições de vida do povo alentejano:

Este sapateiro é remendão. Deita tombas, cardeia, remancha a obra quando lhe falta o apetite do trabalho, larga formas, sovela a faca de ofício para ir à taberna, questiona com os fregueses impacientes, e por tudo isto bate na mulher. Por deitar tombas e cardear, por isso também, que dentro de si não consegue encontrar paz, é um homem frenético que ainda bem não está sentado, já pensa em levantar-se ainda não chegou a uma terra, já pensa noutra. É um filho do vento, um maltês, Domingos do seu mau tempo, que volta da taberna e entra em casa aos bordos de parede a parede, de má mente olha para o filho, e porque não me deste aquela palha, mulher malvada, toma para aprenderes. E torna a sair, vai ao vinho, de gorra e alforje com os compadres [...]. (Saramago, 2012, p. 27.)

Domingos Mau-Tempo, personagem infeliz de *Levantado do chão*, termina sua vida com o enforcamento: “[...] meteu a mão no alforje, tirou uma corda, meteu-se pelo olival [...]. Passou a corda pelo ramo, atou solidamente, e sentado nele fez o laço e atirou-se para baixo. De enforcamento nunca ninguém morreu tão depressa” (Saramago, 2012, p. 50). Já o seu referente histórico, por outro lado, António Domingos Serra, nunca se suicidou. Segundo João Serra, seu pai simplesmente “tornou-se maltês”, anunciando as seguintes palavras de despedida à sua família: “Sou um desgraçado, um infeliz, mas minha mulher tem razão; vou desaparecer daqui para fora que nunca mais cá volto” (Serra, 2010, p. 59-60).

Muitos até podem afirmar que nesse ponto Saramago inventa uma morte para tornar a trajetória de seu personagem mais trágica, fazendo-o se enforcar

solitariamente no ramo de uma oliveira. Mas lembremos que a versão oficial da morte do alentejano Germano Vidigal, representado no romance, consistiu oficiosamente em um suicídio por enforcamento, resultado do forjamento da perícia, como atestam muitos trabalhadores locais de Montemor-o-Novo.⁶ Logo, a cena da morte de Domingos Mau-Tempo não é tão inventiva assim, visto que a representação do suicídio no Alentejo a partir desse personagem convoca uma conjuntura histórica em que a descrição desse ato era muito utilizado pelas autoridades para alterar as perícias e encobrir a violência policial como no caso de Vidigal, simbolizando ainda a alta e recorrente prática de suicídio de camponeses ao longo do século XX por todo o Alentejo.

As duras condições de vida dos trabalhadores agrícolas eram ainda mais agravadas pelas condições climáticas, visto que, com as constantes cheias, as plantações e a demanda de trabalho eram afetadas: “Essa vida de trabalho jornaleiro incerto (na maioria das vezes sazonal) conduzia os trabalhadores à extrema pobreza e, conseqüentemente, ao suicídio” (Saldanha, 2018, p. 247-248). Em *Alentejo Prometido*, da coleção “Retratos da Fundação”, editada pela Fundação Francisco Manuel dos Santos em 2016, Henrique Raposo (2016) nos apresenta suas memórias do Alentejo por meio de histórias familiares e pessoais. Nesse livro, o autor identifica as históricas taxas de suicídios do Alentejo como as significativamente mais altas do país.

Segundo Raposo, o que distingue o Alentejo nesse cenário não é a pobreza, a paisagem, a solidão ou a genética, mas sim “a arrumação do suicídio na prateleira amoral, no ângulo morto da moral. [...] E isto sucede porque a cultura alentejana não tem as palavras que permitem a contestação moral do suicida” (Raposo, 2016, p. 5). No Alentejo da ditadura, por fim, diante da grave situação vivida pela população local, talvez poderíamos convocar o dito popular segundo

⁶ Assim mencionam os trabalhadores agrícolas de Montemor entrevistados por José Saramago, aquando de sua estadia no Lavre em 1977. Tais entrevistas fazem parte do espólio do romance alocado nos Arquivos da Fundação José Saramago. Entre os trabalhadores entrevistados, Silvestre Catarro denuncia: “Eles deitaram-lhe os cachorros às parte do homem, Germano Vidigal, e deram-lhe cabo das veias e o homem esgotou-me em sangue. O homem foi ao urinol e quando foi a urinar em vez de urina sangue. Depois foi para o calabouço e eles, quando viram que ele caiu dentro do calabouço, completamente morto, penduraram-no ao tecto com um prego que estava pregado na parede e puseram-lhe um arame ao pescoço e foram chamar testemunhas, a própria guarda e mais alguns presos que ainda não tinham ido para baixo, que a gente foi em duas prestações, para verem que o homem se tinha enforcado...” (SARAMAGO, 1977b, p. 10).

o qual “quem não se mata, se muda”. Assim sucedeu com a família Serra, como também com a fictícia família Mau-Tempo, pois ambas famílias se mudavam sucessivamente, tendo que aturar a permanência dos sofrimentos de sempre.

4 Considerações finais

No tópico anterior, vimos que, apesar das muitas semelhanças entre *Uma Família do Alentejo* e *Levantado do chão*, é também primordial compreendermos as principais diferenças entre as duas obras, que possuem suas respectivas peculiaridades. Distinções legíveis, por exemplo, no que respeita ao tratamento da resistência contra o regime por parte de João Mau-Tempo no romance de Saramago e pelo jovem João Serra, conforme ele próprio registra em seu livro de memórias anos mais tarde.

Na análise de David Frier, João Mau-Tempo “reflete um nível de heroísmo maior do que as confissões do modelo na vida real” (Frier, 2020, p. 95), pois João Mau-Tempo nega falsamente à polícia qualquer tipo de envolvimento político durante os quatro anos seguintes desde que foi preso pela primeira vez, já que sabemos que participa de uma reunião clandestina com Sigismundo Canastro e mais outros três personagens, tomando todos os cuidados possíveis para preservar o anonimato deles. Em contrapartida, em *Uma Família do Alentejo*, João Serra, após a primeira prisão em 1945, deixa clara sua confissão e sua “compreensível relutância” (Frier, 2020, p. 96) em continuar na política e comprometer toda a sua família:

Eu pensei em alinhar noutra vida dum sistema com mais sossego, mais tranquilo; não foi só pelos conselhos que as autoridades salazaristas nos deram, mas sim para não perder o amor dos meus familiares, porque estava alvejado pelos filas de Salazar como sendo perigoso às suas fileiras. Então desisti de propagandas clandestinas, apenas não poderia deixar e ser espiritualmente um simpatizante das alas esquerdas. E porquê? Porque continuava a sofrer terrivelmente torturas do patronato e miséria aos montes causadas pelo capitalismo salazarista. O homem que se queixa é porque alguma coisa lhe dói, eis como a verdade é só uma, pela moralidade humana e o bem de todos os homens. (Serra, 2010, p. 140.)

Certamente, esse medo não é tão compatível com a linha romanesca apresentada por Saramago, que tem o propósito, como ele mesmo diz, de manter

a representação daqueles “[...] que dariam conteúdo e substância ao futuro livro, na maior parte camponeses de vida revolucionária obscura [...]” (Saramago, 2010, p. 11), para, a partir disso, traçar uma evolutiva

[...] resistência contra a opressão do regime sobre os trabalhadores: assim, Saramago escolhe ser menos fiel aos pormenores da fonte que utiliza para manter a trajetória geral da narrativa, que requer certo nível de heroísmo [...] em vez de uma moldura meramente biográfica duma pessoa só. (Frier, 2020, p. 96-97.)

Mais distinções podem ser apontadas entre a obra de João Serra e a de José Saramago, como, por exemplo, na parte final de ambas as narrativas, especificamente no tratamento oferecido pelos dois escritores à Revolução dos Cravos de 1974 e ao período de instabilidade subsequente. No livro de memórias de João Serra, que morreu em agosto de 1982, a narrativa vai até 1977, com inúmeras reflexões e incertezas acerca do rumo político de Portugal após a revolução do 25 de abril:

Em 1975, a 11 de março, os fascistas, os traidores da liberdade, pela segunda vez tentaram fazer um golpe de Estado dividindo as forças armadas, para pôr em luta irmãos contra irmãos. O primeiro objectivo foi levar os pára-quedistas a atacarem a Artilharia Ligeira nº 1 em Lisboa. [...]. Em todos os recantos do país, os contra-revolucionários tinham por chefe da intentona o general Spínola, este Senhor falso ao programa das forças armadas no 25 de Abril, esta figura traidora à presença na nação portuguesa duma democracia perante um povo que lhe exigia liberdade, renegando cumprir com os seus militares a revolução do 25 de Abril [...]. (Serra, 2010, p. 240-241.)

João Serra manifesta aqui um tom de preocupação quanto ao futuro de seu país, sendo sua narrativa escrita nos últimos anos da ditadura e durante o período transitório que veio imediatamente a seguir à queda do regime. Criado fora desse quadro anterior do regime e do Período Revolucionário em Curso (PREC), o personagem João Mau-Tempo, por sua vez, é o símbolo efetivo de um país melhor, o que é simbolizado pelo ato de João “[...] começar a cantar, hesitante, uma moda de baile antigo [...]” (Saramago, 2012, p. 365) e dançar com sua esposa Faustina.

Esse final mais triunfante no estilo da romaria é uma forte marca autoral de Saramago em *Levantado do chão*, marca essa simbolizada também pelo abandono do sobrenome de mau agouro da família protagonista do romance em

favor de um sobrenome mais correspondente ao quadro retratado que termina com a personagem Maria Adelaide, que opta pelo sobrenome do pai, Espada, exaltando assim a imagem capaz de provocar uma ruptura na história, que vai do silêncio opressivo à fala socializada, dando fim ao ciclo mais sofrível da família de Mau-Tempo.

No entanto, o romance, ao reerguer os Mau-Tempo com o sobrenome Espada, nos mostra que o 25 de Abril não concluiu a emancipação de toda a massa camponesa. Logo, ao insinuar uma perspectiva crítica a respeito desse movimento revolucionário, Saramago antecipa aspectos que análises mais recentes sobre a revolução portuguesa confirmaram, como as de Eduardo Lourenço (1999), Kenneth Maxwell (2006) e Lincoln Secco (2004). Os autores de, respectivamente, *Mitologia da Saudade*, *A Revolução dos Cravos* e *O império derrotado*, caracterizaram o 25 de Abril como um movimento que, apesar de ter sido um marco importante da vida política portuguesa, não conseguiu ir além de políticas reformistas limitadoras.

Não à toa, Serra teve a necessidade de complementar suas memórias com mais duas narrativas finais, incluindo as divergências familiares e o decepcionante ano contrarrevolucionário de 1976: “O facto de estes dois textos mais breves terem sido incluídos indica algum tipo de ansiedade [e decepção] ao ver o país afastar-se do compromisso inicial com os ideais marxistas promovidos pelo MFA e na nova Constituição adotada a seguir à Revolução” (Frier, 2020, p. 102). É aqui que, segundo Frier, vemos

[...] um dos grandes contrastes entre a obra de Serra e a de Saramago, já que o romancista faz face frontal à experiência da Revolução falhada de 1974 e às lições que devem ser tiradas dela. No fundo o *Levantado do Chão* imagina uma reencenação da Revolução dos Cravos, mas desta vez com uma participação mais ampla e com um diálogo genuíno entre todas as pessoas que se encontravam perante a tarefa de reinventar e fazer funcionar o país novo imaginado não somente dentro desta utopia, mas também naquela outra que apenas começa a esboçar-se de maneira tênue nos últimos capítulos d’*A jangada de pedra* (1986). (Frier, 2020, p. 114-115.)

Em síntese, quando Saramago decidiu adotar como base do seu romance as memórias de João Serra, uma das mudanças realizadas foi substituir o pessimismo individual de Serra por um tom narrativo mais coletivo de luta e resistência. Para tanto, o escritor substituiu a narração em primeira pessoa de

Serra por um narrador extradiegético, pois, assim, conseguiu acrescentar um foco romanesco mais múltiplo e variável, apesar de controlado por um autor-narrador exclusivo, o que o permitiu pintar cenas que representam não apenas uma dimensão narrativa, mas os distintos componentes dos grupos envolvidos na história, como os trabalhadores agrícolas, as mulheres, os exilados, os clandestinos, todos oprimidos pela polícia, pelos donos dos latifúndios e pelo clero.

Se, para Serra, a utopia revolucionária se desvanece em pouco menos de dois anos após o 25 de Abril de 1974, no caso do romance de Saramago, a esperada transformação revolucionária é traçada a partir dos diversos personagens em romaria contínua nesse grande mar que é o latifúndio. Tal mudança “[...] permite-lhe transformar o material fornecido por Serra numa chamada para a [continuidade da] Revolução, aproveitando-se de um tom autêntico e urgente, mesmo (para nós, como leitores) depois de ter passado uma geração inteira desde a queda do Muro de Berlim” (Frier, 2020, p. 119).

Ao ser reencenada no romance, Saramago nos mostra “como a revolução histórica de 1974 poderia ser repetida, desta vez com maior êxito e com a participação plena de todos os que poderiam ter uma vida melhor a seguir a esta Revolução hipotética” (Frier, 2020, p. 119-120). Isso torna, evidentemente, a estrutura central da obra de Saramago em uma arquitetura narrativa romanesca muito mais engajada na retomada revolucionária.

De qualquer forma, no “Prefácio” que escreve para a primeira edição do livro de memórias de Serra, Saramago declara uma “dívida que nunca poderá pagar” à sua obra (Saramago, 2010, p. 13). Isso não quer dizer, como foi examinado neste trabalho, que Saramago apenas tenha copiado ou transportado as memórias desse camponês do Lavre para as páginas do romance. Sobre esse ponto é preciso ressaltar toda capacidade recriativa imprimida pelo romancista, além do fato de que o manuscrito de João Domingos Serra não é o único material genético trabalhado por José Saramago na composição de *Levantado do chão*, o que por si só já aponta um complexo entrelaçar de memórias na obra.

Referências

- ARIAS, Juan. *José Saramago: o amor possível* (Entrevista). Tradução: Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.
- BASTOS, Hermenegildo. Introdução: a obra literária como leitura/interpretação do mundo. In: BASTOS, Hermenegildo José de Menezes; ARAÚJO, Adriana de F. B. (org.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 9-22.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. I. 7ª ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago: o romance*. 2.ª ed. Lisboa: Caminho, 1998.
- FARINHA, Luís. Levantado do Chão, de José Saramago: uma obra e um Roteiro para a leitura. *Almensor – Revista de Cultura, Montemor-o-Novo*, n.º 5, 3.ª série, 2022, pp. 5-16.
- FERREIRA, Bruno da Costa. A subversão ideológica no romance *Levantado do Chão*. Dissertação de mestrado da UFRN. Natal, 2016.
- FRIER, David. Das crónicas familiares à construção de um romance: da génese de *Levantado do Chão*. In: REIS, Carlos (org.). *José Saramago. Nascido para isto*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2020, pp. 85-124.
- FONSECA, Teresa. A resistência montemorense na obra *Levantado do chão: História e Ficção*. *Almensor – Revista de Cultura, Montemor-o-Novo*, n.º 5, 3.ª série, 2022, pp. 29-50.
- GUSMÃO, Manuel. Posfácio. In: SERRA, José Domingos. *Uma família do Alentejo*. Mistérios da natureza e da política. Lisboa: FJS, 2010.
- GUSMÃO, Manuel. Linguagem e história segundo José Saramago. In: VIEGAS, Francisco José (org.). *José Saramago. Uma voz contra o silêncio*. Lisboa: Ed. Caminho/ICEP/IPEL, 1998, p. 23.
- LOURENÇO, António Dias. *Alentejo: legenda e esperança*. Lisboa: Caminho, 1997.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade*. Seguido de Portugal como Destino. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MAXWELL, Kenneth. *O império derrotado*. Revolução e democracia em Portugal. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Prefácio. In: SARAMAGO, José. *Da estátua à pedra*. Lisboa; Belém: FJS; UFPA, 2013, p. 21-22.

RAPOSO, Henrique. Porque é que no Alentejo o suicídio é natural? *Observador*, 13 fev. 2016, p. 1-16. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/no-alentejo-suicidio-natural/>. Acessado em: 13/07/2024.

REIS, Carlos. Para uma teoria da figuração em José Saramago. *Revista de Estudos Saramaguianos*, n. 13, Jan/2021, pp. 32-46.

SALDANHA, Ana Maria Simão. *Representações literárias da questão agrária na primeira metade do século XX: estudos comparativos Brasil – Portugal*. São Paulo: Outras Expressões, 2018.

SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SARAMAGO, José. Prefácio. In: SERRA, José Domingos. *Uma família do Alentejo*. Mistérios da natureza e da política. Lisboa: FJS, 2010.

SARAMAGO, José. Entrevista conduzida por Ernesto Sampaio. *Diário de Notícias*. Sábado, 8 de março de 1980, p. 30. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06832.182.28684#!30>. Acessado em: 9/12/2020.

SARAMAGO, José. *Caderno de notas e apontamentos para a composição de Levantado do Chão*. In: Espólio José Saramago – Biblioteca Nacional de Portugal, 35 f. 1977, BNP [N45/276].

SARAMAGO, José. *Entrevista aos trabalhadores a 28 de março de 1977 em Montemor-o-Novo*. Lisboa: Arquivo da Fundação José Saramago, 1977b.

SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos: e a Crise do Império Colonial Português*. São Paulo: Alameda Editorial, 2004.

SERRA, José Domingos. *Uma família do Alentejo*. Mistérios da natureza e da política. Lisboa: FJS, 2010.

SOFIO, Joana. A relação entre *Levantado do Chão* de José Saramago e os cidadãos de Montemor-o-Novo detidos pela polícia política (1933-1974). *Almansi* – Revista de Cultura, Montemor-o-Novo, n.º 5, 3.^a série, 2022, pp. 51-128.

TESCHE, Camile. História e Poder: uma leitura de *Levantado do Chão*. Dissertação (de mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. 134 p.

VECCHIO, Daniel. As bases genéticas dos personagens Manuel Espada e Sigismundo Canastro de *Levantado do chão*. *Manuscrita*, nº 56, 2025.

VENÂNCIO, Fernando. *José Saramago: a luz e o sombreado*. Porto: Campo das Letras, 2000.

[Artigo recebido em 31 de outubro de 2025 e aceito em 27 de abril de 2026.]

DOI: 10.22456/2236-6385.151391